

O HERALDO

AVELIA

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYS TER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão

Tipographia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

UMA DATA HISTORICA

Gloria aos precursores da Republica vencidos na manhã tragica de 31 de janeiro de 1891

Fez hontem vinte e dois anos que um punhado de heroes, numa explosão do mais acendrado patriotismo, fez triunfar por algumas horas, no Porto, a bandeira verde-rubra da Republica.

Esses heroes, que faziam parte dos regimentos de caçadores 9, infantaria 19 e infantaria 18, saíram dos seus quartéis e dirigiram-se á praça da Regeneração onde, ligando-se com os revolucionários civis, proclamaram a Republica.

Uma força de janizaros da guarda municipal tentou opôr-se-lhes, mas depois de uma descarga de caçadores 9, de que resultou morrerem 12 municipaes, os outros aderiram aos revoltosos.

Pouco depois o revolucionario civil Santos Cardoso arvorou no mastro que sobrepujava o frontão do edificio da casa da Camara a bandeira do «Centro Democratico Federal 15 de Novembro,» o dr. Alves da Veiga falou ao povo de uma das janelas do referido edificio e o ator Miguel Verdial leu apoz um breve discurso o nome dos cidadãos que deviam constituir o governo provisorio e que eram:

Rodrigues de Freitas, Joaquim Bernardo Soares, desembargador; José Maria Correia da Silva, general de divisão; Joaquim Azevedo Albuquerque, lente da Academia Politecnica; José Ventura dos Santos Reis, medico; Licinio Pinto Leite, banqueiro; Antonio Joaquim de Moraes Caldas, professor, e Alves da Veiga, advogado.

Estes nomes foram saudados com vibrantissimas aclamações e os vivas á Republica vibraram por toda a cidade.

Mas em breve as espingardas kropatschek dos janizaros da municipal e as peças da bateria da Serra do Pilar afogavam em sangue aquela aurora de esperanças.

O luto substituiu a alegria, e as nuvens negras da derrota toldaram o esperançoso horisonte da Revolução cuja bandeira só 22 anos depois, triunfou gloriosamente, em 5 de Outubro, nas barricadas da Rorunda.

Gloria aos vencidos de 31 de janeiro de 1891! Gloria aos martires da Republica!

CARNAVAL

A instituição de festas licenciosas, em que predominam a volupia e a embriaguez, remonta entre os diversos povos, á mais alta antiguidade.

Os povos cristãos apropriaram-se de muitos ritos, usos e mesmo loucuras do paganismo; tal é o nosso Carnaval, resto, emanação das bacanaes, lupercaes e saturnaes romanas.

Essas festas pagans eram um pretexto para a mais desenfreada libertinagem.

A sua origem perde-se na noite dos tempos.

E' por isso que desde o alvorecer das edades historicas se encontram as festas de Isis e do boi Apis entre os egipcios, a festa das sortes, entre os hebreus, as bacanaes na Grecia e as lupercaes e saturnaes na Roma dos Cezares.

Festins, musicas ruidosas, dansas, disfarces, licença extrema, constituíram sempre, através de todos os tempos, o caracteristico destas folganças.

Os gaulezes tinham festas analogas, especialmente a grande festa do inverno: a colheita do agarico, mas, depois da conquista, os seus usos e costumes fundiram-se com os dos romanos.

E a necessidade de uma expansão subita das tendencias grosseiras, a explosão desta loucura passageira fica tão bem á propria natureza humana, que nem a Igreja, após o advento do cristianismo, pensou em contraria-la.

E' certo que Tertuliano, Cipriano, Clemente de Alexandria, João

Crisostomo e outros notaveis padres da igreja condenaram as dansas e os licenciosos e libertinos prazeres do carnaval; é certo que o papa Inocencio III o fustigou com as suas Decretais, mas o abuso prevaleceu e o entrudo subsistiu, resultando infrutíferas e inuteis as invetivas dos papas e dos bispos.

Forçada a contemporisar com a tradição, a Igreja procurou satisfazer uma necessidade propria da natureza e instituiu festas liturgicas e chegando mesmo a tomar a direção de diversas festas livres, taes como, a idade media, as festas do Burro, a dos Loucos e a dos Inocentes.

O tempo do ano consagrado á celebração da festa pagã foi adoptado pelos cristãos, cujo carnaval começava primitivamente em 25 de dezembro, e comprehendia as festas do Natal, do Ano Bom e da Epifania.

No mundo novo, como no mundo antigo, houve um deslocamento ficticio de condições, umas opposição de egualdade, entre as personagens, nos folguedos, nos disfarces, nos festins e nas dansas.

O Carnaval na idade media, por certo menos dissoluto que o da antiguidade, era trivial e grosseiro.

A corte de Carlos VI poz em moda os bailes de mascaras, e foi um baile de mascaras que custou a vida ao rei insensato, disfarçado em urso!

A influencia da Italia, na sequencia do seculo XV e do seculo XVI, pôz em voga as mascaradas publicas.

Os bailes mascarados da Opera, em França, instituidos por uma ordenança do regente, de 31 de de-

zembro de 1715, reanimaram o gosto da nação pela troça, pela intriga e pelo prazer fácil.

Estes bailes, que tinha logar tres vezes por semana a datar do S. Martinho (11 de novembro) até ao fim do carnaval, tiveram um successo prodigioso que durava ainda quando rebentou a Revolução.

O Carnaval recrudescu em 1799. Sob o Imperio, foi entregue aos costumes militares; então os bailes de mascaras pareciam ainda uma destas revistas cujo espetaculo se renova frequentemente.

Hoje o Carnaval, considerado como instituição publica, parece morrer pouco a pouco por toda a parte.

Em França, todavia, é justo assinalar a voga persistente do carnaval de Nice, onde a graça e o luxo se dão as mãos.

Desde uma epoca remota que em França foram tomadas medidas para prevenir as desordens, e mesmo os crimes que se produziam no tempo do Carnaval, favorecidos pelos disfarces. O Parlamento deu numerosas sentenças a tal respeito, no seculo XVI.

Houve diversas ordenanças de policia no seculo XVIII. O Carnaval chegou mesmo a ser proibido de 1790 a 1798. Desde esta epoca, os corpos municipaes publicam cada ano uma ordenança de policia proibindo, especialmente o aparecimento de mascaras armadas na via publica ou a ostentação de disfarces que pudessem alterar a ordem ou ofender os preceitos da moral.

Foram tambem proibidas as grosserias e as provocações injuriosas e bem assim o lançamento nas casas ou sobre as pessoas de

tudo quanto pudesse causar danos e prejuizos.

Vê-se pois que, em resumo, o nosso Carnaval não é mais do que em resurgimento das antigas bacanaes.

As bacanaes!

Era na celebração destas festas em honra de Baco que, desgrenhadas, os olhos congestionados pela embriaguez e as faces incendidas pela volupia, as bacantes corriam as ruas das cidades e as estradas, atrojando os ares com os seus gritos estridentes.

Semi-nuas, traziam sobre o dorso vistosas peles de tigre, enfeitavam-lhes as ancas prostituídas festões de hera e de panpanos e gritavam agitando os sistros e os timbales:

Io Bacche! Io Bacche!

E nas suas sandalias doiradas a lama dos caminhos punha estigmas da ignominia.

Elas riam, gargalhavam como loucas, repetindo incessantemente:

Io Bacche! Io Bacche!

Seguia-as o bando nubil das ninfas votadas ao sacrificio da luxuria e que caminhavam inconcientes, alucinadas, entre as bacantes.

Por fim vinha o torpe cortejo dos ebrios libidinosos disfarçados em satiros, em silenos e em faunos, uns a pé, outros cavalgando burros.

Conduziam bodes ornados de grinaldas para imolar aos deuses.

A analogia destes costumes com as nossas mascaradas, são evidentes.

Mas como explicar que estas extravagancias pagans tenham conseguido sobreviver ao paganismo e ser adoptadas pelos cristãos?

Como conceber que, depois de

ter abjurado o culto de Baco, de Pan e de Saturno, o homem civilizado conserve ainda as bacanaes, as lupercaes e as saturnaes, de licenciosa memoria?

E' que é mais facil abandonar os idiotos do que modificar os costumes dos idolatras.

Por isso, apesar das predicas dos sacerdotes, o clero, a nobreza e o povo continuaram a mascarar-se como no passado, disfarçando-se em animaes selvagens e continuando a correr como desobstinaes e loucos as ruas das cidades e os campos, entregando-se assim facilmente aos seus licenciosos folguedos.

Um dos caracteristicos do Carnaval é a licença que predomina em todos os seus festins, por isso o Carnaval deve contar-se entre os legados mais extravagantes que nos deixou a civilização dos antigos e que por completo se integrou na civilização moderna.

A falar a verdade ninguem sabe bem ao certo donde veio o Carnaval, com a sua figura grotesca, suja e atrevida.

Da sua genealogia sabe-se apenas que ele descende em linha recta da loucura humana, a qual não tendo idade pertence a todas as edades.

A primeira partida carnavalesca passou-se no paraizo, quando o diabo, para enganar a nossa mãe Eva, resolveu mascarar-se de serpente para com mais facilidade induzir a provar o fruto proibido.

Da remota antiguidade do Carnaval fala a Historia que constata ser ele identico em Calcutá e em Paris, em Londres e em Veneza, apresentando apenas, nos varios paizes do mundo, as diferenças que

o identificam com os respetivos povos.

Por isso é atrevido, gracil e licenciado em França, ardente e entusiasta na Italia, monotonico e frio na Russia, quasi triste na Inglaterra, pesado e sensual na Alemanha e sensaborão e falho de gosto em Portugal...

NOTAS E COMENTARIOS

Sanchez Gallardo

De passagem para Barcelona, sua terra natal, veio a esta redacção cumprimentar o nosso director sr. Lyster Franco, a quem vinha recomendado, o professor hespanhol Francisco Sanchez Gallardo, discipulo de Ferrer e intemerato defensor das doutrinas do assassinado nos fozos de Montjuic e que em Barcelona lecionava na Escola Moderna.

O professor Sanchez Gallardo, que é um apóstolo das ideas que hão de assegurar a humanidade a conquista do bem geral, sustenta que a emancipação dos povos só pode fazer-se pela instrução e pela educação.

Da interessante entrevista de Sanchez Gallardo com Lyster Franco, daremos aos nossos presados leitores um breve relato no proximo numero.

Monopolio de ameijoas

A cerca desta questão, escreve o nosso presado colega O Algarve:

«Uma numerosa commissão de cerca de 400 maritimos desta cidade e de Olhão apresentou no dia 17 no governo civil desta cidade, para ser enviada ao ministerio da marinha, uma representação contra a fallada concessão a uma empresa, dos locais onde se encontram os viveiros naturais de ameijoas nos rios de Faro e Olhão.

E' justissima a reclamação da misera e numerosissima classe dos maritimos, que se occupam no humilde, laborioso e, por vezes, arriscado mister de mariscar a ameijoas.

Desta pequena industria, que não carece de custosos aparelhos de exploração, «vivem» centenaes de familias a quem a fallada concessão do monopolio lançaria na mais desesperada situação.

A angustiosa crise por que passam as classes proletarias desta região viria agravar-se com mais essa medida, que não acreditamos se decrete.

A multidão dos lotadores descalços que nesse dia atravessou e encheu as ruas da cidade tem as sympathias de toda a gente de coração.

Não deixará de as merecer tambem dos poderes publicos a quem principalmente cumpre evitar, o que seria uma grave perturbação na vida, já de si affitiva, da extensissima familia dos trabalhadores do mar.

Oxalá seja feita justiça a quem a merecer.

Negismundo Moret

O partido liberal hespanhol, ainda enlutado pela morte de Canalejas, acaba de sofrer mais um importante golpe com a morte de Moret, seu prestigio chefe.

O illustre extinto foi um politico sabedor, orador fluente, parlamentar e academico.

Com a sua morte, a Hespanha perdeu um estadista eminente e Portugal um amigo dedicado.

Tolerancia de ponto

Por deliberação superior, foi determinada que houvesse tolerancia de ponto nas repartições publicas na segunda e terça-feira de carnaval.

Sempre ha cada um!

O deputado sr. Francisco José Pereira contou no parlamento um caso comico que se passou com um professor, que, para obter a reforma, recorreu á doença de um amigo pedindo-lhe urina emprestada para a analise medica.

O caso é realmente original e evidencia mais uma vez quanto é fertil em manigancias o portuguezinho valente.

Nas Ilhas

O nosso presado colega O Reporter, de Ponta Delgada, transcreveu do Herald o seguinte eco:

UM SOCIALISTA... AMADOR.—Quando habitava em Paris, vivendo aos baldões da sorte, o actual rei da Servia fez-se socialista revolucionario e apodou de reacionario a Jaurés, por este aplaudir a entrada do socialista Milerand no gabinete Waldeck.

Dá-se a conspiração do Belgrado e o Pedro corre a cingir a coroa ainda tinta de sangue de Alexandre I.

Agora passa o tempo a incitar os servicos á guerra santa.

Ora aqui está em que deu um socialista revolucionario, logo que teve uma coroa por carapuça.

E admira-se a gente das calinadas de el-rei D. Paulino I, que, segundo dizem, apenas foi franqueado e como tal caçou sempre no mesmo terreno que os republicanos.

A differença é que Sua Magestade, em materia veatoria, preferiu sempre as pégas...

Quem nos diria que, por nossa causa, a fama do irascivel D. Paulino I, vulgo O

Delicodoco, havia de circular pelas ilhas! Não ha nada, na verdade, como ser um grande homem.

Voa-se a g sobre as azas da Fama?

A greve marítima e a União da Agricultura, Comercio e Industria

O conselho consultivo da União da Agricultura, Comercio e Industria declarou ao sr. ministro do Interior que dá apoio ao governo em todas as medidas energicas que empregue para acabar com os fatos anormais que se estão dando no porto de Lisboa, causadores de enormes prejuizos para o commercio e de descrédito para o paiz, devido á actual greve das classes maritimas.

Parece que vão ser empregados meios para solucionar a questão, meios que serão adequados ás exigencias das circumstancias, mas sem violencia, caso a greve não liquide por estes dias mais proximos.

Crise operaria

A commissão mixta de industriaes e operarios corticeiros, nomeada para negociar um accordo entre patrões e operarios nas reclamações por estes apresentadas, tem proseguido nos seus trabalhos, alguns importantes, mas de carater reservado.

Ferem-nos?

Porque num direito legitimo inquestionavel e indeclinavel reuniram as commissões politicas do Partido Republicano Portuguez de Portimão para a troca de impressões acerca do caminho a seguir relativamente á autoridade administrativa deste concelho, logo os partidarios do sr. Camacho serram fleiteiras e de pronto despejam sobre nós um fogo violento e serrado de improprios e sensuras, visto considerarem-se hostilizados pela nossa acção, aliás logica, de pretendermos á frente da administração do concelho um partidario nosso, da nossa confiança absoluta, que dentro da lei saiba fazer justiça, como dentro da boa razão saiba com intelligencia fazer a nossa politica.

—Mas que não, que não pode ser, bradam, porque é um abuso demitir um homem honesto, um bom republicano; que é um escandalo scadir assim um martirizado que para aqui veio sob o impulso do seu muito amor pela Patria e pela Republica, numa occasião que corria perigo ser-se administrador; um carater que leva a sua abnegação a ponto de sacrificar a sua propria bolça, visto gastar o dobro do que ganha; enfim um «super omnia» inegalavel!

Mus oh... de Peniche! Agora que Sua Ex.ª tinha occasião airoza de se libertar de tanto sacrificio, de tanto martirio, para que vos armássemos gesto intempestivo e arrebatado, em algos, e num impulso terrivel, improprio de bons amigos, quebrais abruptamente esses laços cor de rosa que tão reverente e enternecidamente vos ligavam á essa sublimidade! Sim, para que sujeitar o vosso amigo a esgotar até á consumação dos vossos caprichos desleaes, o calice de tão lugubre agonia?!

Quanto a nós, temos por Sua Ex.ª o sr. Guisado a consideração e respeito que nos merecem todos os republicanos sinceros e todos os homens do seu porte e sentimentos.

Por esta circumstancia e só por esta, nos abtemos de apreciar circumstanciadamente as condições em que Sua Ex.ª para aqui veio e outros fatos que conhecemos, em virtude dos quaes julgamos impossivel a permanencia do sr. Guisado na administração do concelho de Portimão.

Mas se para evitar um golpe estrondoso com que os camachistas, auxiliados por alguns «desavergonhistas» nos pretendem deprimir, afrontar e desorganisar, ferindo-nos na nossa dignidade politica; for preciso ir até onde não desejaríamos, pode S. Ex.ª ficar certo de que não trepidamos em usar dos meios de que dispomos para o forçar ao seu dever, que é... sair.

As commissões politicas do Partido Republicano Portuguez de Portimão, não querem na administração do concelho um camachista, imposto violentamente por partidarios seus, os quaes seria irrisorio admitir que tivessem força para nos empurrarem fora da logica politica-partidaria que ora nos garante algo de superioridade.

A despeito, pois, de tudo e de todos os meios de que usarem, astuciosamente, tendentes a usurpar os nossos legitimos direitos, não colherão, por certo, o effeito que desejam, porquanto, Sua Ex.ª não ficará.

O que no entanto fica, mas gravado de forma a não mais se apagar, é a irreverencia inqualificavel com que fomos assaltados na nossa passiva e leal marcha politica, por toda essa pleiade de... camachistas, que não se tem poupado a trabalhos e processos para nos desmoralisar, para nos confundir, para nos desorganisar.

Limpamos pacificamente a robusta dose de ignominia que deslealmente nos arremessam, mas nem por isso deixaremos de arquivar prudentemente tão grave procedimento.

Portimão.

Rubro.

CONTOS E NOVELAS

Mascaras!...

«Sempre i codardi, e l'almo ingenerose, abbietto ebbe in dispregio...»

Giacomo Leopardi.

O Aborrecimento, meu inseparavel companheiro, deixara-me finalmente, naquela tarde fria em que, sob um ceo nublado, estriado a filandras de oiro, pelas ruas tripudiavam mascarar em extranhos esgares.

A meus ouvidos chegava a sua gritaria irritante e, da minha janela, vi passar, em tumulto, alegres bandos, vistosamente disfarçados, em trajos de garrijas cores, entre fitas e plumas de varios matizes.

Carnaval! Carnaval! Mascaras! Mascaras! E, toda a visphança, muito alegre, assumava ás portas, ás janelas... as raparigas sorriam para os mascarados procurando reconhecê-los: os velhos riam a bom rir e o meu vizinho Ambrosio, um ancão de oitenta anos, veio para a rua, com um enorme nariz postico, a salutar e a rir como uma creancinha!

E passaram muitos bandos... muitos. Fizera-se noite. No meu quarto, escassamente illuminado pela luz exterior, pairavam tonalidades propicias ao misterio e ao sonho.

Carnaval! Carnavall! Salas repletas de lumes, de musica, de lindas mulheres semi-nuas na elegancia dos seus travesis, flores e doidejantes polchricomas!...

Espandidos setins que se amarroram nas voluptuosas contorções do baile, alegres poikas estonteantes, risos argentinicos que se diluem nos ares... gestos que prendem, curvas que arrebatam, sei! que deslumbraam...

Carnavall... Carnavall!... Depois, terminada a dança, passado o tumultuoso doidejar através das salas, os deliciosos momentos de repouso, em flirts dulcissimos, sob a influencia estonteante de mil perfumes, com divas efemeras, celestas após o delirio do baile; divas sorridentes, cativantes e trocistas que se obtinam em occultar o rosto sob a discreta mascarilha negra!...

Tudo isto, todos estes sedutores aspectos me prepassaram pelo espirito e, terminada tão agradável visibilidade, encontrei-me disposto a ir a um baile.

Sim, iria! Estava decidido! Antegosava o prazer de uma ceia alegre com alegres convivas, Champagne e seios nus. Ninfas faladoras e bacantes lindas, ofertando beijos; flores de carne a estontearem com seus perfumes, gargalhadas vibrantes reinindo entre cristaes... sim, iria ver as mascarar... ás lindas mascarar, ás graciosas mascarar.

Disponha-me a sair quando o Aborrecimento, meu inseparavel companheiro, volhou de novo e adivinhando as minhas intenções exclamou:

—Ver mascarar? Que tollice! Que fenomenal tollice!

Eu, respondi apenas:

—Carnavall... Carnavall!...

—Carnavall! Sim!—Replicou o Aborrecimento—O que será a Vida mais do que um eterno Carnavall? O que é a Humanidade mais do que uma grande, uma completa, uma saltitante mascarada?

Sim!—tornou, vendo a minha estupefação—para ver mascarar necessitamos por ventura, deste tempo marcado pelo Calendario? Engano! Puro engano! Pelo contrario, é este um tempo em que deixam de aparecer algumas das genuinas mascarar.

As mascarar são visiveis em todo o ano e em todos os paizes que se dizem civilizados. Pertencem a todas as classes. Saé á rua, olha despreocupadamente, e logo as encontrarás!—Que digo eu? Basta, talvez seja sufficiente olhares, ao espelho, para ti proprio!

—E' como te digo,—continuou o Aborrecimento—Olha e vê com olhos de ver... Repara bem... Vês, além, aquele simpatico levita, de olhar candido e insinuante maneiras? Parece um santo, dirás... pois é uma mascarar, uma simples mascarar. Paira-lhe no rosto uma expressão de bondade, mas, dentro daquele peito occulto pela garnacha palpita um hediondo coração, de biena...

Vês mais além, aquele cavalheiro de maneiras douturaes e importantes, todo ele illuminado por um grande ar de superioridade? Ha-de parecer-te um professor... talvez um satio!...

Ah! meu querido, não passa de outra mascarar!... ali onde o vês, a sua apreçada sapiencia é como a de tantos outros, um rotulo vistoso a disfarçar a mais indigesta das ignorancias...

Vês, mais além, na impecabilidade do seu trajó rico, aquele homem palido, com tantos brilhantes e tanto oiro? Vão dizer-te que é um banqueiro milionario... Engano! E' outra mascarar... E' apenas um ladrão com sorte. Menos proesas do que as suas levaram muitos dos seus colegas gatunos, ao prisidio!...

Vês, além abaixo, aquele denodado

propagandista da Evolução Social? Olha como gesticula, admira como é empolgante o seu discurso... E' outra mascarar, meu amigo. Ali onde o vês, tão liberal e pugnando tanto e tão escarniçadamente por principios tão avançados, empresta dinheiro a juros e é socio de uma casa de penhores...

Além, aquela outra mascarar, vês?... E' um distincto jornalista... mas, coitado, mal escreve o seu nome... Vês aquele outro? Canta as belezas ideaes mas só dedica os seus versos ás hetairas que o sustentam...

Além, vês, quasi á esquina, aquela senhora gentil, graciosa, imponente no seu grande ar de honestidade?... Ah! Ah! Outra mascarar, meu amigo, outra mascarar! Vaes talvez contradiar-me.

Percebol!... Talvez por algum tempo te enfeitasses aquellos olhos negros, talvez fizessees dela o teu supremo ideal, o teu pensamento constante!... E' desculpavel! Ela é um tanto interessante... mas, é tambem, ela propria, ainda uma mascarar!...

E' ficticia toda aquela seriedade! Aquelles labios que parecem não saber sorrir, abrem-se em sonoras gargalhadas quando fala com os amantes, aqueles olhos que parecem velados pela fadiga, cintiliam, entre fulgôres de mil estrelas e é em requintes de volupia, sequiosa de caricias impossiveis no seu lar amaldiçoadamente estéril, que ela se entrega... ao seu laçao! Mascarar! Mascarar! Tudo mascarar!...

—Basta!—supliquei, interrompendo o Aborrecimento.—E' doloroso, é horrivel, é infernal o que me contas! As minhas palavras assustaram o bando alegre das falenas lindas dos meus queridos sonhos... E' triste perder tanta illusão!...

E o Aborrecimento, impassivel: —Carnavall! Carnavall! Mascarar! Mascarar!...

Lyster Franco.

POETAS



«AH! PORQUE NOS SERIA PROHIBIDO TOMAR A NOSSA EXISTENCIA COM FORME AO NOSSO SONHO, E VIVER SEMPRE SO EM NÓS?»

Gabriel d'Annunzio.

—Mal suspeitas sequer como eu te quero mais, muito mais do que me quero a mim, a ti, triste mulher, que eu consilio-te inda mais triste por querer-te assim.

Mal eu suspeitas tu que me conheces como eu talvez nunca hei-de conhecer-me, que apenas só de olhar-me impalideces, e assim achaste a forma de prender-me.

Porque razão hei-de eu sentir-te os passos, e á tua vida ha-de cingir-se a minha, e hei-de cingir em cruz teus lindos braços, sem me bastar o mal que dos meus vinha?...

Porque razão ando eu a desejar-te nesta unica feróz de conseguir, se eu sinto não ter braços pra tomar-te, nem alma que á tua alma possa unir?

E contudo, vê lá! quero-te tanto, que algumas vezes fico-me a cismar, porque razão existe um tal encanto se esse encanto algum dia ha-de acabar?!

Antes eu ande a minha vida inteira, a consumi-la em vão nesse desejo, do que se acabe em mim esta cancelra que me faz ver aquilo que não vejo.

—Porque razão meu sonho ha-de extinguir-se, se do sonho me vem a flicidade, e a minha vida um dia ha-de partir-se, ao terminar em mim esta anciedade?...

—Se o coração me bate mais depressa, —que vae partir-se—acaso hei-de supôr?... Terá talvez um fim a que obedeça, que o faça assim bater com mais vigor.

—E' pouco eu por ventura aborreço-lo, porque não é senhor da seu querer?... Se ele fala eu não sei comprehendê-lo, se ele tem alma eu não a posso ver.

E a ti, triste mulher, que assim eu quero, mais triste ainda porque eu sou assim, mal suspeitas sequer que de ti espero a flicidade de viver em mim!

ARMANDO A. XAVIER.

Em domingo gordo

Acima rapazes, sacudi a preguiça que vos entorpece, e correi aos bailes, ás diabruras, ás alegrias ruidosas. Deixae-vos empoar a cabeleira á tia velha, não cosaeis mais os lençoes do leito paterno, não affiaes com uma pulha travessa as loirinhas de vossas irmãs, que andam alegres com a batalha das flores; por poderem atirar uma mão cheia de rebuçados aos chapeos dos seus queridos.

Acima, juventude, cabeças endemoninhadas, corações festivos, vinte anos povoados com todos os sonhos baralheiros, diabolicos, risonhos e cor de rosa; atirae para longe as inquietações e os pezares; varrei o pó que embacia os espiritos; correi á cacholeta as primeiras desconsoações amorosas; esquecei os assomos de lagrimas que uma duvida provoca, e nadae, cabriolae; esturdiæ n'esta onda de folganças sem lódo, de maganciaras sem

dislates, de chiste sem chocarrice alvar.

Acima, primavera da vida, rebentos dos primeiros anos, flores da mocidade credula; auroras das ante-manhães sem nuvens. Espargi folhas e flores viçosas, perfumes de bisnagas, claridades bem vivas, cantos bem jubilosos, orvalhos bem consoladores, e a enorme alegria da Natureza franca. Acima, que ali temos o carnaval, Momo folgazão, gracioso de comedia velha, esfuizante-bargante, orates descuidado, bohemio de padeiro e guiso, arlequim de praças publicas. Figaro estouvado que faz papão aos Birtolos suspeitos, gemendo jovial que se irá encarripitar nos candieiros da Avenida para apurar os g-bos ridiculos.

Acima, que é o entrudo que chega! saude-o, já não quebra a loiça da casa, não corta os cordões das campainhas, não ensea o degraus das escadas, não borrija os vizinhos, mandando ao demo todas as seriedades causticas, e todas as fiducias empoadas.

Cantae, mas não como cantavam os nossos velhos em latin macarronico:—«Sanctos introitos, tempos quebrar panelas!»

O que é a vida? Um sonho, pezadello, um remar com a proa á enchente.

O entrudo é um belo período, digam lá-o que disserem. Tres dias em que se esquece a certidão do batismo e a carta de conselheiro; setenta e duas horas em que se dependura a gravata da austeridade, para se andar esgorjado e á fresca.

Eu não sou dós que aplaudem as folganças officias, desde o beija-mão até ao aniversario da independencia, mas lavo-me em banho de rosas quando oio ressoar a gargalhada estridula por cima dos nossos telhados urbanos.

Esquecem-se maguas, enforcam-se miserias, vendem-se duas camisas para comprar ovos, talha-se a coberta de riscado a feição de dominó roçagante, os filhos mascararam-se embaalhando-se nas pantalonas do progenitor, a cosinheira prega um rabo-leve nas cuecas do creado das compras e a dona da casa recheia um empadão com dez réis de estopa, movida pela beatifica sensaboria de vêr o esposo a escarduçar o petisco.

Isto sim, que tem cheiros de singeleza primitiva.

Adão e Eva deviam de ter momentos em que se empulhassem com este agualdo imaginativo.

O mundo tende de seu natural para os prazeres simples e inocentes e distintos. Uns certos catturras estabeleceram a masombice como distinctivo de gravidade e homisariaram a galhofa como pernicioso e contra a moral dos povos. D'aqui vem uma seriedade de rabicho que se notá nos rapazes de vinte anos, uma especie de carranca postiga com que o estouvamento se disfarça; uma plumagem de noitibo com que os verdilhões palheiros se cobrem.

O Carnavall põe tudo a limpo. São os dias de calva á mostra.

Despertam-se os risos como em çatarrata reprimida, infringem-se os edictaes apezar da nossa sinezude pacata, reage-se contra a policia e faz-se a bernarda doída, pateta, creança espiritada,—a revolução que d'antes era dos feijões fradinhos, das cabaças de cera, lentilhas secas e dós tremoços, tudo isto, é este ano, substituido pelos rebuçados, bom-bons, camelias, e... cocotes, papelucos, com que muita gente alcançará, não primogenitura de qualquer Esau, mas os ternos olhares de muito patriarca lanzudo.

Eu gosto da alegria, porque vejo n'ela o que quer que seja da honestidade.

Não ha patifes alegres. As conciencias limpas não fazem bico de mocho.

Ponham-me o Carnavall em estação perpetua, e affianço que os delitos publicos não passarão de alguma gebada imporiuna.

Quem são aqueles pastores de dança burlesca, penteados e escanhoados, cujos tornozelos se alongam como as varredouras de um brigue?—E' a dança que o Melro, empregado no Matadoiro, ensaiava todos os anos com os rapazes do Farroho. Eles pulam, requebram-se, depõem o cigarro ao canto da orelha para fazer os gestos com mais garbo, são inofensivos, bucolicos, até piegas na sua credulidade de dançarinos. E com tudo perguntae-lhes quantas vezes o João de Elvas foi tablado de atos serios, e a quantas mais não assistiu o Alexandre do palavriado bulhento d'estes titeres de domingo gordo.

Agora ali vão, bebendo succintamente nos intervalos um ou outro decilitro de vinho da Fuzeta, para beneficiar o pulmão esfalfado,—e assim passam tres dias risonhos, ao sol e á chuva, e mostrando ainda em quarta-feira de cinzas os restos saudosos do seu vestuario campestre. Como eles se cançaram radiantes! Como se fizeram martyres da piroeta! Como deram treguas á policia, baifando com os seus arcos de fitas! Depois, derancados, moidos, zambros, com a face livida e a guedelha revoltada, lá tornam de novo á materialidade da sua vida de moiro que se resume quasi sempre no enfadonho pregão de cautelas.

«On crie a lá ville, á la cour. Ah! qu'il est court! ah! qu'il est court!»

O Carnavall traz consigo o remoçamento. Parece que os cabelos brancos loizejam ao fulgor dos lustres, e os cora-

ções encarquilhados se desabotoam como violetas á sombra.

Estamos assistindo ás batalhas das flores, tudo corre frenético, vertiginoso; os carros veniginosamente enfeitados, redoliam como n'um pandemônio, os ditos febris, ininteligíveis, incompletos, cruzam-se no ar, rápidos e agudos como setas, cruzam-se ondas de camelias e de rebuçados, bom-bons, flores se agitam em facho, em desalinho, e corre-se e voa-se, e arrebatam em turbilhões aquela-nvens de gaze e de seda. As toilettes flutuam, os cabelos destrançam-se, os olhos faiscam através do rebuçado, as patas dos cavalos quasi que nem roçam as flores caídas no chão.

Quantos olhos se cravarão n'aquella onda furiosa?—quantos pilotos reformados não contemplarão da praia aquelle fulgar de Circes?—E ás horas a passarem, e o delírio a crescer, e as musicas a entoarem hinos festivos, á grande e sublime festa da Alegria!

Consintam que eu repita agora o que já escrevi algures: 'O' mulheres, folgae, contae, dançae, amae depois, quando vos inundar a aurora. Afugentae com o vosso pé cadenciado as horas de tristezza que podem vir perseguir-vos. O Carnaval é a doideice e o esquecimento. Esquecei e sede felizes. A vida é uma completa mascarada que apenas se interrompe no tumulo.

O Partido Democratico em Estoi

A nova comissão executiva do Centro Republicano Democratico dr. Afonso Costa pede-nos que demos publicidade aos nomes de todos os socios que fazem parte do mesmo, ao que desineressada e gostosamente accedemos.

Eis a lista:

Antonio Joaquim Feijão, Antonio de Mendonça Gaziba, Antonio Avelino, Antonio Meules, Antonio dos Reis Cantas, Antonio Rita, Antonio Ruivo, Antonio Neto, Apolinario de Sousa Leiria, Artur Batista Leote, Alexandre de Sousa, Augusto Forja Senior, Bernardino Pereira de Brito, Cristiano de Sousa Barros, David de Sousa Correia, Francisco Fernandes Rodrigues, Francisco Maria, Francisco Viegas Carrega, Francisco Encaruação Ferrinho, Francisco Martins Canal, Francisco da Silva Calhau, Francisco Joaquim Feijão Senior, Francisco de Sousa Eusebio, Francisco Filipe Branquinho, Francisco dos Santos Brito, Francisco de Sousa Teixeira, Francisco Rodrigues, Francisco de Mendonça Gaziba, Francisco Leal Junior, Francisco Bento, Firmiúo de Sousa Carrusca, Inacio de Sousa Montes, José de Sousa Teixeira, José de Jesus Zaferrino, José Mendonça Gaziba, José Aleixo, José Xavier Pereira Junior, José Viegas Carvalho Junior, José Soares Parente, José de Brito Mascarenhas, José Estevão, José Dias Junior, José de Brito Melo, José Nunes de Andrade Junior, José Lopes Mil-Homens, José de Sousa Neves, José Fernandes Pinto, José Gago Figueiras, José Rosa, José da Quinta, José Maximo de Sousa, José de Mendonça Zita, José de Sousa Gregorio, Joaquim Afonso de Brito, Joaquim Mignel, Joaquim Teixeira Barriga, Joaquim Aleixo, Joaquim Neves Vargues, Joaquim de Sousa Teixeira, Joaquim Fernandes Zeferino, Joaquim Rosa, Joaquim Rodrigues Neto, Joaquim de Sousa Machado, José Viegas Carvalho Senior, João Viegas Carvalho, João Vieira, João de Sousa Guelas, José Alves Tomaz, Luiz Pires, Luiz Nunes de Andrade, Luiz Viegas Carvalho, Luiz de Sousa Matias, Manuel Rodrigues Corvo, Manuel Cordeiro, Manuel Mendonça Quintas, Manuel Matos, Manuel Joaquim Rosa, Manuel Campiua, Miguel de Sousa Ervilha, Manuel Mendes Cabegadas, Manuel Belcutor, João Martins Carneiro, José Neto, Francisco Joaquim Feijão, Verissimo Manuel Martins, José Afonso, Antonio Viegas Perna, Joaquim de Brito Dias, Manuel Pedro Guerreiro, Francisco Rita, Mateus Antonio, Manuel de Jesus, Manuel do Nascimento, Manuel de Sousa da Luz Manuel da Quinta, João de Sousa Russas, João Tereza, João Gonçalves, Manuel Rodrigues Portela, Miguel de Sousa Penudo, José Fernandes Norte, José Carlos Vicente, Manuel Lourenço, José de Sousa Estrela, Antonio Gago, Merciano de Sousa, Joaquim Mar ins, João de Sousa Teixeira, José Efolminados, José Salvador, José da Ponte, Manuel de Sousa Teixeira, Antonio Gago Nobre, Joaquim Batista Gago, Manuel de Brito Gago, Manuel de Sousa Gago, Antonio de Sousa Brazuna Faria, Francisco da Cruz Aleixo, Joaquim Rodrigues Corrajola, Francisco de Oliveira, Manuel Euzebio Pereira, Manuel Gonçalves, André Viegas Bexiga, João Gonçalves, José Rosa Pacheco, Francisco Xavier Pelicão, Francisco Assis, José Maria, Augusto Forja Junior, Manuel Lopes, Manuel Beruado, José Viegas Buianas, Francisco Guerreiro.

A graça alheia

A arte de se fazer amar pelo marido

Harduin, o espirituoso cronista do *Matin*, conta que encontrou um folheto publicado em 1823 e intitulado:

«A arte de se fazer amar pelo marido, colleção de preceitos para uso das mulheres que deram o nó conjugal, e muito util ás meninas solteiras que desejam submeter-se ás leis do himneu, pela viscondessa de G...»

«Pensei, diz Harduin, que esses preceitos assim indicados deviam apresentar um certo interesse. Partilho, efetivamente a opinião da viscondessa de G..., que escolheu esta epigrafe para a primeira pagina da sua obra: *A união de maridos e das esposas é a garantia da felicidade publica.*

Como isto é verdadeiro! Se todos percebessem não haveria tantos *menages* desuoidos.

Comprou o livro, que me custou dois francos e cincoenta, e não choro o meu dinheiro porque decerto será agradável ás minhas leitoras, aquellas que tendo dado o sagrado nó, o viram desatar-se. Ser-lhes-á agradável saber por que meios podem restabelecer a união no *menage* e contribuir assim para a felicidade publica.

—D' mulheres (é assim que se exprime a viscondessa de G... no prologo desse livro) ó mulheres, vós sereis sempre divindades tutelares; sempre se queimará incenso nos vossos altares; e se, a cada instante da minha vida eu me aplaudo de ser franceza, é porque em nenhuma outra parte vós exercéis um tão meigo imperio como neste paiz, amante do belo sexo e da gloria.

Visto que a viscondessa de G... pelos motivos acima indicados se aplaude por ser franceza, compreendem que eu ainda me aplaudo mais por ser francez. Pouco me importo com a gloria, é certo, mas ninguém imagina o prazer que tenho em queimar incenso no altar da mulher.

Mas vejamos o que diz a viscondessa. Ela não se ilude sobre as difficuldades da tarefa que vai empreender.

—Mas tambem, diz ella, como me será duce a recompensa se, com a ajuda deste pequeno opusculo, eu consigo garantir a felicidade de algumas esposas e dissipar as nuvens que obscurecem muitas vezes a união mais escolhida.

Dito isto a viscondessa faz algumas considerações sobre o casamento, *essa instituição tão nobre que parece emanada da divindade*, e desde logo se vê que as coisas se passavam em 1823 como atualmente.

Com effeito a viscondessa nos diz que já no seu tempo «o casamento não é mais do que um ato commercial, em que os contraentes calculam friamente uma união mercantil e interessada; casam sem se conhecerem e subordina-se a fidelidade conjugal ás bolsas de dinheiro que em dote traz a noiva.»

Contudo casavam-se.

Quadros dos primeiros dias de casamento: —As nupcias foram celebradas mais ou menos sumptuosamente, segundo a fortuna dos conjuges; ao jantar seguem-se as dancas; e o cansaço começa a invadir os convidados; as velas apenas lançam uma luz incerta, a multidão dissipa-se lentamente, e duas horas passaram depois que a noiva acompanhada por sua mãe e pelas suas amigas mais intimas, se recolheu á alcova misteriosa onde em breve o marido se lhe juntará...

Substitue aqui com reticencias uma descrição demasiadamente realista. Esta viscondessa de G... escandalisa-me. Não seria ella antes um velho brejeiro?

Contudo, a viscondessa arrepende-se de pressa:

—Lancemos, diz ella, lancemos um ven sobre essas cenas, dignas do pincel de Albano, e livremo-nos de pôr um pé temerario no santuario do himneu.

Sim, livremo-nos disso, tanto mais que naturalmente nos portam fóra.

Aqui, depois de divagar um pouco sobre as desilusões que, muitas vezes, se seguem ás cenas dignas do pincel de Albano, a viscondessa entra definitivamente no assumpto. Muitas vezes succede que um homem se torna cabeça no ar. Como conseguir faze-lo tomar juizo?

—E' preciso, diz a viscondessa, que sua mulher evite irrita-lo com procedimentos injuriosos. Ella deve redobrar de cuidados e de atenções.

Não lhe é defeso, porém, recorrer a um estratagemas. E a viscondessa cita um exemplo:

—Eduardo, pintor distinto, casara com a gentil Leontina...

A historia da gentil Leontina e de Eduardo, pintor distinto, é um pouco longa. Resume-a:

«Eduardo no fim de seis mezes de casado, recebe a visita de uma dama que lhe pede que lhe faça o retrato. Ve-la e ama-la, esqueceer sua mulher, tudo foi para o leveiano mancoço obra de um momento.

Leontina em breve percebe a mudança que se fez na attitude do marido para com ella.

Mas Eros protege-a. A senhora por quem se apaixonou seu marido, platonicamente, é

uma amiga de collegio que tudo revela a Leontina, num dia em que Eduardo estava ausente. E'então as duas amigas imaginam um estratagemas para fazer voltar ao redil a ovelha tresmalhada.

Para isso a viscondessa não se dá a muitos trabalhos de imaginação. Serve-nos o baile do costume, em que Eduardo, graças a dois dominós exatamente eguaes, toma Leontina pela outra senhora por quem está apaixonado. Por fim tudo se descobre.

—Traidor! exclama Leontina tirando a mascara.

Naturalmente tudo se arraja... Eduardo, o pintor distinto, corrigido para sempre, fez a felicidade da gentil Leontina.

Como se vê, isto é ao mesmo tempo innocente e encantador.

Basta pois, minhas senhoras, se o marido vos quer enganar:

1.º—Que seja com uma das vossas amigas de collegio.

2.º—Que esta vos previna.

3.º—Que ambas tenham a mesma estatura e o mesmo talhe.

4.º—Que ambas vão ao baile de mascaras.

5.º—Que... não vale a pena dizer o resto.

Mas reunindo-se todas estas circunstancias já ficas sabendo que... tudo se pôde arranjar.

Mas ha ainda outros meios de conseguir o mesmo resultado.

E esses meios são tratados desenvoldidamente nos seguintes capitulos:

Do asseio, qualidade preciosa numa mulher.

Da coragem que uma mulher deve ter na adversidade.

Do ciúme.

Quando a ausencia é fatal ao himneu, meios de a remediar.

Tive curiosidade de saber quaes podiam ser os meios de remediar a ausencia.

Ai! a viscondessa decididamente não tem imaginação. O meio é a arte de escrever.

Cet art ingenueuse

De peindre la parole et de parler aux Jeux.

Segundo a viscondessa diz, as cartas impedem que a ausencia seja fatal ao bimneu.

Apenas é preciso contudo ser-se bahil na arte epistolar, e a viscondessa lê alguns modelos de cartas que se devem trocar, no caso de estarem separados entre marido e mulher:

Li alguns periodos assim:

«Meu querido Adolfo—Apenas tres dias passaram depois da tua partida, e cada dia parece-me um ano. Apressa o mais que puderes esses negocios que te prendem longe da tua Leonor... Ah! meu Deus! e se tu adocesses!... D' meu Adolfo abandonado entre estranhos, sofrendo longe da sua ternã amiga!»

E Adolfo responde:

«Como eu me considero feliz por ter uma esposa que tão ternamente me quer. Maldigo o fatal contra tempo que me priva da mais digna das esposas... Invejo a sorte da minha caria, que vai estar nas mãos de Leonor, que vai ser beijada pelos seus lindos labios... e eu, triste, desolado, abandonado a oio leguas da metade de mim proprio, emirrecho, como a flor a que o beneficio orvalho deve restituir o brilho e a frescura.»

Vejam até que ponto os costumes mudaram depois de 1823. Consideravam-se então como uma distancia infranqueavel 32 kilometros, que hoje se transpõem em meia hora. Alem disso os maridos nesse tempo chamavam-se Adolfo e comparavam-se a flores marchas aspirando depois o orvalho benéfico.

Feliz tempo!

Não sei se os periodos que transcrevi do livro da viscondessa G... indicam sufficientemente ás senhoras os meios a empregar para se fazerem amar por seus maridos.

Receio que não estejam mais adeantadas do que antes de lerem este artigo. Mas a culpa não é minha... A enumeração dos capitulos prova que a viscondessa não tem nenhum segredo especial.

D' livro da viscondessa tem afinal de contas o valor dum tratado de paimagem. Pode ler-se á vontade, mas enquanto se não puzerem os palmas e se não experimentar andar sobre o gelo nada se consegue.

O mesmo succede com a mulher que deu o sagrado nó. Nunca saberá o que lhe convem fazer, para o caso de ser enganada, se não quando realmente o for. Os meios de defeza variam segundo as circunstancias, os temperamentos e os individuos...

Aviso do "Heraldo"

Os directores do *Heraldo*, a fim de darem ao pessoal uns dias de folga; por ocasião dos festejos carnavalescos, resolveram que o jornal não saisse na proxima quarta feira, com o que nada perdem os senhores assinantes, visto que a assinatura se conta por numeros e não por mezes.

QUEM pretender comprar a rede de um cerco americano com todos os seus pertencentes e um galeão e buque de vigia, dirija-se a João Francisco Lã.—Fuzeta.

POR ESSE ALGARVE

Messines

Realizou-se a feira, tendo sido os negocios raros, devido á escacez de dinheiro. A carne de porco gorda regulou por 55500 réis em quinze quilos.

—Ha dias apparece aqui de visita a um doente uma *feliceira* dos lados de Santa Barbara de Nexe, que foi recebida, com musica de latas, assobios e gritaria infernal, tendo que se esconder para evitar maior escandalo. Personagens daquela ordem são aqui sempre bem recebidos.

—Continua o tempo chuvoso estando por isso os lavradores bastante satisfeitos.

—Continua bastante doente a sr.ª Paula Candido Guerreiro.

—Partiram para Silves, de visita a sua familia, o sr. Diogo João Mascarenhas, sua esposa e sobrinha.

Olhão

Como ainda ninguém sabe ao certo em que dia chegará o novo governador civil, anda tudo ás aranhas. Tudo e até o sr. Cristina, o tal douto varão que aspira a ser santo já que não consegue chegar a justo.

Segundo consta, o aludido sr. Cristina pensa em continuar a roer o osso administrativo, para o que está todo esperando na proteção de certa ave de rapina de Tavira.

Pois vá esperando que a quem Deus promete, não falta...

—Ha por aqui muita gente empenhada em que se realice nesta vila a festa da arvore de tão salutar influencia educativa para as creanças, festa official, tão ardentemente patrocinada pelo *Seculo Agricola*, mas, segundo consta, o sr. Cristina, que, por triste facto, é quem tudo manda e de tudo dispõe na Camara Municipal, não está disposto a consentir que esta contribua de qualquer modo para que a festa se realice.

Sendo assim, é assaz lamentavel e desastrosa a attitude do sr. Cristina, que, pelo visio, não quer entrar nos eixos!

—Foi operado de um hidrocele direito muito volumoso, o sr. Eduardo Lopes. Assistiu á chloroformação o sr. dr. Vaz e fez a operação, com o melhor exito, o habil operador e medico distinto dr. Candido de Sousa, de Faro.

Tambem a uma filha do nosso amigo sr. Manuel dos Santos Pitê, foi extraida pelo sr. dr. Candido de Sousa uma expansão sinovial no pé direito, dando a operação um resultado assaz satisfatorio.

—Acompanhado de seu filhinho mais velho, esteve ha dias nesta vila o incansavel propagandista sr. dr. João Pedro de Sousa, advogado em Faro e aqui tão estimado das classes trabalhadoras e do povo democratico, que a ele devem tantos beneficcios.

—Prometem ser muito sensaborões os dias de carnaval.

Santa Barbara de Nexe

Os adversarios do Partido Republicano Portuguez não se destacam em geral pela correção da attitude que tomaram para combater os principios e o ideal que defendemos. Fazem-nos uma guerra cheia de vigor desesperado, quasi sempre innocente por falta de razão, mas dando-lhe resultados de momento, visto a tenacidade com que se feita.

Cá nesta freguezia, um dos principaes argumentos de que se servem, embora infundada tal affirmacão, é que fazemos politica de vingança e odio, excitando o povo ingenuo, a vis atentados. Miseraveis explorações politicas de sacristia!... Prometem grandes e melhores dias ao povo, chorulhas ofertas, e não sei que mais tolices, se o povo liberal, o povo democratico se afastar do caminho que a sua propria conciencia lhe ditou, e enveredar para o lado dos santos milagrosos.

Taes processos, tão falhos de censo, são tão reles e degradantes, que nos dão vontade de rir e não os discutimos a serio; nem citaremos os nomes dos seus defensores, porque nos repugnaria nomeal-os apenas lembramos a estes maduros, que os cidadãos honestos e carateres dignos desta freguezia lhes não dão o seu apoio e estão-incontestavelmente com o Partido Republicano Democratico, não ligando atenção ás suas lagrimas de crocodilo, em que noutros tempos acreditaram.

Assim o declaramos, e razões temos para o poder affirmar.

Em toda esta turba de tiranetes, cuja biografia parece feita de retalhos colhidos de cadastros de criminosos e de casas suspeitas, não se descurticia um cerebro organizado capaz de produzir ou de pensar o bem—só miseria, lama, crebros esvaziados sem convicções... varios Judas que antes de serem queimados, precisavam de ser entregues ao rapazio.

Mas deixemos isso para correspondencia mais longa e encerremos esta com a investigação que nos convem fazer hoje cá por casa, que mais proveito dá ao Partido Democratico.

No dia 28 do corrente reuniram-se no Centro Democratico Nexeense, grande numero de prestimosos democraticos a fim de festejarem a subida do Partido Democratico ao poder constituindo governo presidido pelo seu chefe o grande estadista, estrela inimitosa da Republica Portuguesa, o Dr. Afonso Costa. Falou o presidente da comissão executiva do Centro, que fez a apologia do illustre estadista do Partido Democratico em geral, e em especial do Algarve, pondô em relevo os esforços do sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem se deve a maioria do bom exito que o Partido Democratico tem obtido nesta provincia. Felicita o Partido Democratico desta freguezia pela sua união e

firmeza, fazendo votos para que assim se continue a manter.

Ao terminar estas ultimas palavras, receberam o orador uma ruidosa moifestação de agrado da Assembléa.

A seguir levantaram-se freneticos vivas ao dr. Afonso Costa, dr. João Pedro de Sousa, Lyster Franco, ao Centro Democratico Nexeense, servindo-se depois uma lanta ceia, offerta dum grupo dos aludidos cidadãos, sendo nessa occasião levantados varios brindes ás prosperidades da Patria, do Partido Democratico, ao senador capitão Pala, ao dr. Candido de Sousa e outros.

—No proximo domingo, dia dois, reunir-se-á em assembléa geral, os socios do Centro Democratico Nexeense a fim de se tratar da eleição dos corpos gerentes para 1913.

NOTICIARIO

D' sr. ministro do Interior encarregou o sr. dr. Rui Teles Palhinha, professor da Faculdade de Ciencias, de concluir a sindicancia que estava sendo feita ao director geral de instrução primaria e de syndicar tambem a 2.ª repartição da direcção geral, de que é chefe o sr. dr. Carneiro de Moura, que foi suspenso do serviço, substituindo-o o sr. dr. Carlos Baba, chefe da repartição pedagogica.

— Foi admitido a frequencia do curso de torpedeiro electricista no corrente ano letivo, o 1.º tenente sr. Antonio Emilio Taborda de Azevedo Costa.

—Na procuradoria da Republica junto da Relação de Lisboa, realizam-se no dia 26 do corrente e seguintes, as provas do concurso para os logares de conservadores do registro predial.

Entre outros candidatos figuram os srs. drs. João de Brito Farrajota e João Batista Galega, nossos presados correligionarios, e os srs. drs. João Augusto de Melo e Sabo e Justino Cumano de Bivar Weinholz.

—Deu-nos o prazer da sua apreciavel visita o sr. Virgílio Quintanilha, nosso prestimoso correligionario de Portimão.

—Tivemos o prazer de abraçar o nosso amigo sr. José Gilberto Madeira, nosso correligionario do Azinhal.

—Visitou-nos o nosso presado amigo e correligionario sr. dr. Mariano da Costa Asceção, de Loulé.

—Pelo vapor *Peninsular* foram enviados para Cabo Verde 500 litros de sementes de alfarrôbeira do Algarve, a fim de ser experimentada a sua cultura naquella colonia.

—Estava em Faro com seu esposo a irmã do sr. dr. Artur Aguedo, nosso prezado colega do Algarve.

—A fim de passar os dias de Carnaval com sou tio, o nosso amigo e correligionario sr. Afonso Alvaro Freire, director dos correios e telegrafos, chegou bontem a esta cidade o sr. Afonso Xavier Freire, intelligente aluno do curso de telegrafistas.

CARTEIRA

Fazem anos: Amanhã, 2.—O. Maria Elvira da Silva, D. Joana de Costa Ferreira, D. Ana da Purificação Xavier, D. Maria Carolina de Mendonça, Antonio José Lopes, Francisco da Silva, Antonio Augusto Fernandes e João José Ferraz. Segunda, 3.—O. Augusta de Sousa e Melo, D. Maria Antonia Fuzi, D. Maria Benita Vaz Varela, D. Eugénia Augusta Pinheiro, Antonio Francisco de Paula Mendonça, João Carlos Vieira, Sebastião do Carmo Martins, Antonio Ferreira e o menino Luiz Sinões Afonso de Brito. Terça, 4.—O. Francisca da Silva Veiga, D. Maria Paula Ferreira, D. Maria Augusta Campos, Antonio Filipe da Silva, Joaquim Manuel Ortiz, João Figueiredo de Mendonça e Manuel José Batista. Quarta, 5.—D. Maria Luiza Cumano de Bivar Weinholz, D. Maria Quilária Samora Barros, D. Eugénia da Costa Marques, D. Clarissa da Silva Ramos, Antonio de Campos Gomes, Alfredo de Oliveira Batista, Manuel José das Doas e a menina Rita da Conceição Pontes.

Por absoluta falta de espaço vemo-nos obrigados a retirar muitos originães já compostos para este numero.

Editos de 45 dias

(2.ª publicação)

No juizo de Direito da comarca de Faro, cartorio do 3.º officio e-na execucao processada nos termos do decreto de 29 de maio de 1907, em que é exequente Manoel Dias Sancho, casado, comerciante, residente nesta cidade e-executado José Antonio Martins, solteiro, maior, empregado no commercio, auzente em parte incerta, correm editos de 45 dias a contar da publicação do ultimo anuncio, citando o dito José Antonio Martins para no prazo de 5 dias posterior ao dos editos pagar ao exequente a quantia de 87.105 réis, montante duma letra em que figura como assistente, ou no mesmo prazo nomear á penhora bens suficientes para completa solução da divida exequenda, sob pena de ser devolvido ao exequente o direito de noneação, e seguir a execucao seus termos.

Faro, 25 de janeiro de 1913.

O escrivão José Joaquim Peres.

Verifiquei.

O Juiz de Direito Dias Ferreira.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOCADO
Escritorios Rua de Santa Antonia, 6
Largo 1.º de Dezembro, 27
Morada—R. do Pé da Cruz, 16
FARO

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO

Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autocismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER



A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

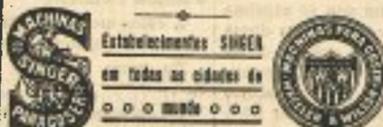
tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA



RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

- Seguros contra fogo
- Seguros marítimos
- Seguros de cristais
- Seguros contra roubos
- Seguros postaes
- Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO PROPRIETARIOS

JOSE MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 53 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 rs. Camas a 200 e 300 rs

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLÓGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officos, cartonado, almapço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)

Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

Revista literaria e scientifica de que é Director

MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

ARTE

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO : — (Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A saude das creanças.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Prevenitivo contra as doencas venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 reis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despezas esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'esta caso regula por 1000 réis. Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despezas resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a cor no ato da entrega e se distinguí, restituí-se a importancia. — Fieio para tudo em 48 horas

RUA CASTILHO, 58-A -- FARO